

O TEMPO ESTÁ PRÓXIMO

Análise Escatológica de Apocalipse 1

Thales Nunes Barretto*

Resumo

O presente trabalho procura estabelecer uma correlação entre a mensagem bíblica que foi destinada a seus ouvintes originários e sua atualidade para os cristãos modernos, numa perspectiva de que as coisas previstas nos textos apocalípticos vêm se cumprindo na História. Para isso será explanado o contexto em que a narrativa bíblica do Apocalipse foi registrada, sobretudo as circunstâncias sociais e políticas em que os cristãos estavam inseridos. Na sequência serão apresentados alguns fatos que evidenciam que profecias já foram cumpridas, outras estão se cumprindo nesse momento histórico, e as demais se cumprirão confirmando a veracidade das Escrituras e a realização dos demais eventos que prenunciam a segunda vinda de Jesus. Finalmente, uma análise acerca situação da Igreja e do papel que deve desempenhar no contexto da ocorrência das últimas coisas, sendo testemunha de Jesus Cristo e auxiliando os cristãos modernos a viver em consonância com seus ensinamentos.

Palavras-chave: Escatologia; tribulação; sinais do tempo; esperança.

Introdução

O livro de Apocalipse ao mesmo tempo em que exerce um fascínio pelo simbolismo de sua linguagem, desencadeia um processo de elaboração de teorias acerca do final dos tempos. A ficção científica, permeada pela incredulidade nas revelações bíblicas e a partir de suas concepções filosóficas positivistas, existencialistas e humanistas, com caráter reducionista, apresenta cenários catastróficos cujos efeitos destruidores podem ser contornados pela ação humana e seu aparato tecnológico.

*Graduando em Teologia pela Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo.

O Apocalipse tem o caráter de uma carta pastoral dirigida às igrejas da Ásia Menor que enfrentavam uma crise religiosa e política. Mesmo sendo de difícil interpretação, deve ser lida, pois tem uma mensagem para a igreja de hoje, como a tinha para a igreja da época.

O conteúdo da mensagem originária tinha um propósito, registrar a preocupação de João com a conjuntura sócio-política da época, a condição da igreja naquele cenário e assinalar perspectivas para o futuro da daquela comunidade. Da mesma forma, a mensagem permanece atual em nossos dias, embora com maior liberdade para difundi-la, mas nem por isso imune a ataques externos e dissensões internas. Porém, o lapso de tempo decorrido entre as eras da história, situa a igreja mais próxima da segunda vinda de Jesus e dos eventos descritos que prenunciam seu retorno.

A linguagem apocalíptica foi usada de forma apropriada para essa finalidade:

Na apocalíptica, porém as visões do outro mundo tornaram-se bem mais exuberantes, o mais das vezes acompanhadas por vívidos símbolos (templo ideal, ambientes litúrgicos, fenômenos cósmicos, série de feras selvagens, estátuas) e números misteriosos. A mensagem profética envolve também as ambiências concretas sobre a terra (política internacional e nacional, prática religiosa, preocupação social.... (BROWN, 2004, p. 1008).

Estabelecer essa correlação entre a realidade bíblica e os dias atuais nos ajudará a identificar esse propósito e a relevância do livro para a atualidade.

Contudo, a perspectiva apresentada pela modernidade entra em rota de colisão com os ensinamentos bíblicos, em que Deus se apresenta como Criador do Universo e tem em suas mãos o controle da História. É o que se pode inferir do texto de Mateus 10:29-30 “Não se vendem dois passarinhos por um centil? e nenhum deles cairá em terra sem a vontade de vosso Pai. E até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados”, que pontua os pequenos detalhes dessa narrativa face à magnitude da criação, e isso permeia toda a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse.

Essa percepção nos desafia a buscar uma compreensão da mensagem escatológica para os dias de hoje. Os textos bíblicos, produzidos há mais de 2000 anos, são aplicáveis às sociedades modernas? As profecias acerca do futuro já se cumpriram ou se cumprirão num período posterior da história? Ramachandra nos apresenta indícios de respostas para essas questões:

O famoso novelista G. K. Chesterton certa vez observou que quando um homem volta as costas para Deus, não é que ele apenas não crê em nada, mas é que ele crê em tudo. O mesmo é válido para a sociedade inteiras. O assim chamado mundo secular de

homens e mulheres modernos, não menos do que o mundo tradicionalmente religioso, acha-se excessivamente inundado de deuses. O presente livro foi escrito sob a convicção de que o descarte do Deus da revelação bíblica, descarte esse que é a característica mais peculiar da modernidade, tem aberto o caminho para o surgimento de novos deuses que, tal como seus antigos equivalentes, acabam por destruir os seus devotos. (RAMACHANDRA, 2000, p. 31)

A advertência de Apocalipse 1:3 “... o tempo está próximo” nos conclama a estarmos atentos aos sinais do tempo, preditos nos textos do Antigo e do Novo Testamento. Leal anota exemplificativamente, alguns desses sinais previstos nas Sagradas Escrituras: guerras, terremotos, multiplicação da iniquidade, famílias desmoronando em seus fundamentos, multiplicação da ciência, volta dos Judeus à Palestina, (LEAL, 1975, p. 84) Esses sinais vêm ocorrendo ao longo das últimas décadas, com consequências devastadoras em escala ascendente de intensidade e recorrência. Em Berkhof encontramos semelhante percepção:

De acordo com a Escritura, importantes eventos deverão ocorrer antes do retorno do Senhor e, portanto, não se lhe pode chamar iminente. À luz da Escritura, não se pode afirmar que não há eventos preditos que ainda não devam acontecer antes da segunda vinda. (...) Em primeiro lugar, deve-se ter em mente que, ao falar de sua vinda, ele nem sempre está pensando na vinda escatológica. Às vezes ele se refere a sua vinda em poder espiritual no dia de Pentecostes; às vezes a sua vinda em julgamento, na destruição de Jerusalém. Em segundo lugar, ele e os apóstolos nos ensinam que terão que ocorrer vários eventos importantes antes do seu retorno físico no último dia, Mt 24.5-14, 21, 22, 29-31; 2Ts 2.2-4. (BERKHOF, 2012, p. 642).

Compatibilizar os textos bíblicos com a realidade contemporânea será objeto da reflexão da primeira seção: uma exegese de Apocalipse 1, escrito para uma comunidade cristã submetida à perseguição pelo Estado, ao esmorecimento da fé e às falsas doutrinas, retrata, através das variadas figuras de linguagem e da simbologia, as crises por que passavam os cristãos ao mesmo tempo em que projeta para o futuro profecias que hão de se cumprir antecedendo a segunda vinda de Jesus Cristo. (Ap. 1:19) (CHAMPLIN, 2002, p. 384).

Na segunda seção, sem perder de vista o fato de que a escatologia, “estudo dos ensinamentos bíblicos acerca do fim dos tempos no mundo e a volta de Jesus Cristo” (ADEYEMO, 2010, p. 1622), permeia toda a Escritura Sagrada, será analisado o comportamento da Igreja atual e uma reflexão acerca de seu papel no cenário escatológico.

Na terceira seção será abordado o tema da essência da Igreja de Jesus, Amai-vos uns aos outros, abordando a necessidade de a igreja exercer seu projeto missionário em obediência aos mandamentos de Jesus, assumindo seu papel de testemunha do Senhor e de dar visibilidade à igreja invisível, o Reino de Deus, inaugurado com a primeira vinda do Senhor Jesus e que se manifesta ao mundo através das atitudes de amor dos cristãos uns para com os outros e para com o próximo.

Estar atentos aos fatos e fenômenos que ocorrem em nossos dias, reproduzindo situações análogas às ocorridas à época da redação das Escrituras, tem relevância para a pesquisa porque propiciam um olhar crítico sobre a condição da sociedade moderna e apontam para a veracidade e cumprimento das Escrituras, evidenciando que a segunda vinda de Cristo está cada vez mais próxima.

1- Contexto dos anúncios das coisas que hão de vir – Exegese de Apocalipse 1:1-3.

Apesar das divergências quanto à autoria do livro de Apocalipse, decorrentes de comparações estabelecidas entre a redação do livro com o evangelho e as cartas joaninas, (abordagem teológica, uso da linguagem, gênero literário), muitos se filiam à corrente tradicional e convergem ao entendimento de que o livro de Apocalipse é da autoria do apóstolo João, discípulo de Jesus.

Conquanto a diferença no grego seja um problema, não estamos convictos de que os argumentos de Dionísio ou daqueles que posteriormente o acompanharam tornem impossível para a mesma pessoa ter escrito tanto o quarto evangelho quanto Apocalipse. Estamos, dessa forma, dispostos a aceitar o testemunho daqueles que estavam em condição de conhecer esses assuntos e atribuímos ambos os livros ao apóstolo João, “o discípulo amado” (CARSON, 1997, p. 525).

Este livro é estruturado em forma de carta, endereçada à igreja, a partir das igrejas da Ásia Menor, e contém mensagens de advertência às sete igrejas, apontando situações específicas que estão ocorrendo em cada uma delas e precisam ser revistas para adequar suas práticas aos ensinamentos de Jesus. Ao longo de sua narrativa, adverte a igreja, de forma geral, acerca de situações críticas por que passavam os cristãos e exorta-os a manterem-se perseverantes, apesar das tribulações que permeiam a vida cotidiana das comunidades submetidas ao governo romano.

A condição de perseguidos decorre do contexto do culto ao imperador, cuja recusa ensejava a punição com morte. A importância dada a tais cultos gerava conflito em razão de isenções especiais oferecidas às comunidades judaicas que nesse contexto desencadeava grande parte da perseguição aos judeus por parte das comunidades gentílicas, que, por sua vez, acusavam cristãos de não serem judeus, mas reivindicavam as condições especiais dispensadas aos judeus. (CHAMPLIN, 2002, p. 357)

Aliada a isso, a lealdade dos cristãos em praticar os ensinamentos de Jesus, que se contrapunha às tradições religiosas e sociais sob influência cultural de Roma e demais povos que habitavam o império romano, com suas práticas politeístas, gerava permanente situação de conflito.

Assim, pode-se perceber que Apocalipse, a Revelação de Jesus Cristo, dá testemunho da divindade de Jesus Cristo, que Deus está no controle da história, confirma a segunda vinda de Jesus e anuncia as coisas que ocorrerão, anunciando sua chegada:

¹ Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo seu anjo as enviou, e as notificou a João seu servo;² O qual testificou da palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo, e de tudo o que tem visto.³ Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo. (Ap. 1:1-3)

Ao termo Apocalipse (Revelação) o Dicionário do Novo Testamento, encartado como apêndice na Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico-Grego (CPAD, 2012, p. 2083), fornece as seguintes definições para o verbete:

Apocalipse: descoberta, aparição, vinda, acender, manifestação, ser revelado, revelação. E seu uso no Novo Testamento – (I) Acerca da remoção do véu da ignorância e da escuridão pela transmissão da luz e do conhecimento; iluminação, instrução (Lc.2.32). (II) No sentido de revelação, descoberta, manifestação (Rm 2.5; 8.19). Dessa forma, referindo-se àquilo que era desconhecido e oculto, especialmente os mistérios, propósitos, doutrinas divinos, etc. (Rm 16.25; 1 Co 14.6,26); às revelações oriundas de Deus ou de Cristo (2 Co 12.1,7; Gl 1.12; 2.2; Ef 3.3) Utilizado com referência a eventos futuros em Apocalipse 1.1, onde ele faz parte do título do livro. (III) No sentido de aparição, e em referência à aparição de Cristo vindo dos céus (2Ts 1.7; 1 Co 1.7; 1 Pe 1.7,13; 4.13)

Tais definições podem ser empregadas concomitantemente na tradução e interpretação do livro com seu uso de forma metafórica nos versículos de Apocalipse 1.1-3, em consonância com os comentários de Champlin (2002, p. 366 e ss):

“*Revelação de Jesus Cristo*”, no sentido escatológico, é um desvendamento de Jesus Cristo, que pode ser compreendido em vários sentidos: a) revelação dada por Jesus; b) revelação da pessoa de Jesus; c) revelação que envolve sua volta para breve, que é a pedra principal dos acontecimentos preditos no livro; e d) Cristo é a fonte ou origem das revelações de Deus aos homens. (CHAMPLIN, 2002, p. 366)

“*Para mostrar aos seus servos*”, ou seja, para que os homens compreendam que os tempos e as épocas estão nas mãos de Deus Pai, e que a revelação dada através de Jesus Cristo, é para mostrar que ele é real e nele, e por intermédio dele, é que são solucionados todos os problemas de vida e de lealdade. (CHAMPLIN, 2002, p. 367)

“*Brevemente*” está diretamente relacionado com o poder das visões na mente de João. Foram experiências tão profundas que ele sentiu que esses eventos não demorariam em acontecer, e por isso certo senso de urgência para a transmissão da mensagem. Esse senso de urgência permanece e por isso as advertências para estarmos atentos para não sermos pegos de surpresa, quando da segunda vinda de Jesus, são tão atuais. (CHAMPLIN, 2002, p. 367)

“*Bem-aventurado*” refere-se a um bem-estar espiritual proporcionado pelo processo transformador do evangelho e pela expectativa de participar da plenitude de Deus, de sua natureza e seus atributos, sofrendo perseguições por amor a ele, enquanto esperam a volta de Jesus dos céus. (CHAMPLIN, 2002, p. 367)

“*O tempo está próximo*” em sentido escatológico indica um tempo de crise e aponta para os últimos dias, aguardando os acontecimentos preditos, que por sua demora em ocorrer a única atitude diante de tal situação é obedecer, pois não se sabe nem o dia nem a hora em que Jesus voltará. (CHAMPLIN, 2002, p. 367)

Interpretar a realidade contemporânea à luz dos textos bíblicos será o objeto da reflexão da segunda seção, estabelecendo um paralelo entre os fatos narrados em Apocalipse com eventos que estão ocorrendo e as condições de vida da sociedade moderna.

2- Comportamento da Igreja. - O papel da igreja no cenário escatológico.

Esse ponto será abordado na perspectiva da forma de interpretação da escatologia bíblica. Erickson lista quatro formas: a idealista (ou simbólica) que tira o elemento temporal da apocalíptica, cujos símbolos ou acontecimentos podem ocorrer em qualquer ponto da história, mas representam “verdades eternas” acerca da natureza humana e estão continuamente presentes na existência humana; a futurista, que relaciona os elementos

proféticos que, em sua maioria, acontecerão no futuro; a preterista que considera que o cumprimento da apocalíptica ocorreu em período contemporâneo ao registro bíblico; e a historicista, em que o autor “considera que a apocalíptica pertence a acontecimentos que ainda eram futuros na ocasião em que foram descritos (o período bíblico), mas que já ocorreram e continuam a acontecer dentro da história da igreja.” (ERICKSON, 2010, p. 35).

Neste trabalho, faz-se a opção pela forma de interpretação historicista, haja vista que acompanhando o desenrolar da História, percebe-se que muitos eventos previstos no texto bíblico, já ocorreram, no período de sua redação, como se reproduzem em nossos dias:

O problema da violência no Apocalipse nos remete ao nosso mundo de guerras, de sofrimento e de violência. Se o Livro de Apocalipse ou os salmos são violentos, não são totalmente desconhecidos de nosso mundo, em que a desordem, a destruição, a marginalização e a exclusão violenta dos outros, que não são “dos nossos”, estão na ordem do dia. (...) O que preocupa João não é a predição exata de acontecimentos futuros de violência, mas a forma de estar no mundo onde devem viver os cristãos. O mundo real, porém, não idealizado, onde o ostracismo, a exclusão, a violência e a morte dificultam a fidelidade à fé. (ARENS, 2004, p. 369).

Para esta análise acerca do comportamento da Igreja atual e uma reflexão sobre seu papel no cenário escatológico, adota-se, ainda, a conceituação de Hendriksen “O termo Escatologia vem de duas palavras gregas: *eschatos* e *logos*. *Eschatos* significa última e *logos* significa palavra ou dissertação. A Escatologia pode ser compreendida então, como uma dissertação sobre as últimas coisas” (HENDRIKSEN, 2004, p. 13).

Essa percepção torna-se mais acentuada quando se constata que muitos eventos previstos nos textos bíblicos vêm se cumprido, paulatinamente, em nossos dias, com maior recorrência e intensidade à medida que se aproximam as “dores de parto” e a parúsia. O sermão profético de Jesus (Mateus 24) é enfático nesse sentido, sobretudo quando o confrontamos com o esmorecimento da fé e as falsas doutrinas; os conflitos armados no Oriente Médio e Europa; fome na África; catástrofes naturais; multiplicação da iniquidade, (LEAL, 1975, p. 86) e tantas outras ocorrências que permeiam os noticiários na atualidade.

Embora o Apocalipse seja uma mensagem de esperança para a vida dos cristãos em meio à perseguição, descrevendo os novos céus e a nova terra, a nova Jerusalém, o rio puro da água da vida, a presença da árvore da vida e que não haverá mais maldição, nem haverá noite (Ap. 21 e Ap. 22), o processo de restauração da criação passa por fases de

grande tribulação na natureza e na vida das pessoas, que atingirão seu clímax a partir da abertura dos Sete Selos até o Juízo Final (Ap. 6 a Ap. 20).

Quando se comparam os mapas bíblicos (MAPAS, 2004) com os mapas políticos atuais, percebe-se nos relatos bíblicos uma abrangência menor do alcance do cristianismo, concentrado no norte da África e parte da Europa, em relação à época atual, em que se difundiu por todos os continentes devido à disponibilidade de aparatos tecnológicos que facilitaram sua disseminação e ao desprendimento de missionários que, pelo amor de Jesus Cristo, se dispuseram a deixar seus lares e se deslocaram para rincões remotos da terra.

Enquanto naquela época a mensagem era transmitida oralmente ou através de manuscritos que demandavam tempo para serem reproduzidos e transmitidos para outros lugares e pessoas por meios de transporte lentos se comparados com os padrões atuais; hoje há maior versatilidade para a difusão do Evangelho por causa da facilidade em reproduzir exemplares da Bíblia com variadas traduções, linguagens e formas, dinamizando o fluxo das informações, por meios de comunicação mais ágeis (televisão, internet, celulares, revistas, livros) e transportes mais rápidos (avião, trem-bala, metrô, carros mais velozes) que reproduzem e propagam, com maior velocidade, as boas-novas, para todas as partes do planeta. Boff nos ajuda nessa compreensão:

As telecomunicações, a biotecnologia (a cadeia ADN-ARN do genoma humano contém todas as informações para a constituição do ser humano), a informática e a robótica expressam tecnicamente esse novo conhecimento da realidade que é a informação. (BOFF, 2003, p. 13)

Como consequência, acentua-se a diversidade de percepções do cristianismo ante sua inserção numa área geográfica mais abrangente e a pluralidade cultural das comunidades em que é apresentado. Essa diversidade cultural será caracterizada por diferentes formas de absorção da Palavra de Deus e das interações promovidas pela ação missionária das igrejas, enviando pessoas que carregam consigo uma bagagem cultural bastante divergente da cultura das comunidades em que serão inseridos e os diferentes graus de desenvolvimento das sociedades modernas e as nuances de suas relações com a religiosidade.

Tal como no mundo antigo, no presente persistem as relações de ódio contra os crentes, que podem se manifestar de forma velada em determinadas regiões, no ocidente, como no Brasil p. ex., com a adoção do Estado laico (Constituição Federal); atitudes politicamente corretas para aceitação do liberalismo e legalização de uniões homossexuais (Lei da homofobia – Projeto de Lei Complementar 122/2006); ou extremada, como na

África, cuja conversão ao cristianismo pode ensejar a morte do crente. Essas situações devem servir de alerta quanto à intensificação da perseguição da igreja no cenário atual:

Não é de hoje que a igreja africana sofre perseguição. No Século III d.C., Tertuliano, um pai da igreja originário da África, declarou que “o sangue dos mártires é a semente da igreja”. A perseguição continuou nos tempos modernos em países como Uganda durante o governo do presidente Idi Amin; no Chade, sob o presidente Tombalbaye e, ainda hoje, em países como Etiópia e Eritreia e esporadicamente em outras nações. Quem se converte do islamismo para o cristianismo enfrenta, com frequência, discriminação severa e, por vezes, até morte (ADEYEMO, 2010, p. 1604)

O propósito de Apocalipse era, e continua sendo, confortar a comunidade dos santos ao largo de um período de grande dificuldade. João declarou nas imagens de Apocalipse a mensagem de esperança em que toda adversidade será suplantada pelos atos preditos e que ao fim, todos se curvarão ao poder supremo de Deus.

Mas, deixou claro, também, que antes que essas profecias se cumprissem, muitas coisas aconteceriam e tornar-se-iam numa perseguição universal e sistemática dos cristãos. Teriam alcance no seu contexto imediato, bem como no futuro em desenvolvimento, criando uma situação religiosamente constrangedora, com perspectiva de crescer em intensidade.

Por isso a necessidade de a igreja assumir seu papel de proclamar o evangelho a todas as criaturas, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Contudo, a igreja atual apresenta características comuns com as sete igrejas do Apocalipse e necessita estar atenta ao fato de que Jesus, muitas vezes encontra-se do lado de fora, batendo à porta, querendo entrar para restaurá-la, e é impedido de realizar sua obra restauradora, porque a igreja encontra-se absorvida por seus próprios interesses e motivações.

Ademais, importante observar que “muitas instituições, embora com o nome de igrejas cristãs, não fazem parte do corpo místico de Jesus Cristo ou Igreja Invisível, dotada do Espírito Santo em sua plenitude que é o elemento sobrenatural e vital da Igreja” (LEAL, 1975, p. 69). Significa dizer que há igrejas nominais, que se apresentam como portadoras das boas-novas, mas sua práxis está distante do agir segundo a mensagem bíblica.

Leal ainda pontua que “somente a Igreja pura, santificada e sob o poder do Espírito Santo será arrebatada”. Destaca também que a presença de elementos estranhos no seio da

Igreja é inevitável em decorrência da sua estrutura externa e militante sendo impossível a existência de uma igreja perfeita na terra.

3- Amai-vos uns aos outros. – A igreja em movimento.

Pertinente asseverar que “a Igreja é a luz do mundo. O candieiro é o luzeiro para espancar as trevas do pecado. É um simbolismo. Aliás o Apocalipse é um livro cheio de simbolismo” (LEAL, 1975, p. 71)

A Igreja tem um papel primordial na escatologia cristã, porque, enquanto corpo, que reúne a multidão de fiéis em seu seio, desenvolve ações que revelam sua unidade e dará apoio às pessoas nos períodos de tribulação anunciados.

A essência da Igreja de Jesus é o amor: “Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.” (João 15:12).

Amar uns aos outros, aborda a necessidade de a igreja caminhar em obediência aos mandamentos de Jesus. Assumindo seu papel de ser testemunha de Jesus e dar visibilidade à igreja invisível, o Reino de Deus, inaugurado com a primeira vinda do Senhor Jesus e que se manifesta no mundo através das atitudes de amor dos cristãos uns para com os outros: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”. (Jo 13:34-35)

Assim, se os eventos previstos no livro de Apocalipse, e em outras narrativas bíblicas, podem ser identificados com fatos e fenômenos que ocorrem com frequência em nossos dias, reproduzindo situações análogas às ocorridas à época da redação das Escrituras (LEAL, 1975, p. 84). Assim também as atitudes de amor devem ser manifestas aos homens para que creiam que tudo o que está escrito será cumprido e possam ser alcançados pela graça do Senhor Jesus.

A igreja tem um caminho a percorrer: “Disse-lhe Tomé: Senhor, nós não sabemos para onde vais; e como podemos saber o caminho? Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim”. (Jo 14:5-6). Esse caminho é estreito, requer renúncia e está sujeito a adversidades. Segundo Peterson os seguidores de Jesus na igreja primitiva foram basicamente identificados como “o Caminho” e Lucas emprega esse termo seis vezes ao escrever a história da primeira comunidade cristã (PETERSON, 2009, p. 35).

A caminhada da igreja exige renúncia “E dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me”. (Lc 9:23)

Seguir Jesus implica não só reconhecer e aprovar seus ensinamentos, como também pô-los em prática, assumindo o ônus da fidelidade a Cristo. Implica dizer que agir como o Mestre, seguir os seus passos nessa caminhada tem um preço a ser pago: “Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (Jo 16:33).

Assim como Jesus se apresentou como o caminho para o Pai, também se apresentou como o caminho que a igreja deve seguir para reunir as ovelhas de seu rebanho dispersas pelo mundo:

E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém. (Mt 28:18-20)

O caminho nesse caso se caracteriza pela obediência. Adotar atitudes compatíveis com os ensinamentos e as práticas de Jesus e enfrentar os perigos do trajeto sem medo.

Através das mensagens às sete igrejas que estão na Ásia Menor, é apresentado um diagnóstico da situação de cada uma delas, e esse diagnóstico pode ser compreendido de forma análoga em relação ao panorama geral da igreja atual.

Embora o diagnóstico contemple os aspectos positivos e as situações críticas, destacam-se como ponto de interesse as situações críticas apresentadas por Brown, cuja finalidade será contextualizar as igrejas modernas no cenário escatológico: Para as igrejas de Esmirna e Filadélfia, registra não haver nada de mau. Para Éfeso assinala que abandonou o primeiro amor; Pérgamo, a tolerância aos ensinamentos de Balaão, à idolatria, à imoralidade e manutenção dos ensinamentos dos nicolaitas; Tiatira, a tolerância à Jezabel cujos ensinamentos seduziam à prostituição e sacrifícios aos ídolos, e recusa a converter-se dessas práticas; Sardes, de ter aparência de igreja viva, mas que na verdade estava morta; e Laodicéia, a apatia, pretendia ser rica, influente, não necessitada, quando na verdade era desgraçada, miserável, pobre, cega e nua. (BROWN, 2004, P. 1018-1019)

E ao final de cada mensagem uma advertência: quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas...

Essa é uma admoestação pertinente também para a igreja de hoje, que vem se afastando do Evangelho, para oferecer mensagens que buscam satisfazer aos anseios das

pessoas, usando atrativos para cativar a fidelidade dos crentes, que procuram uma alternativa apazível aos apelos do mundo, ao que pode ser acrescentado as profecias particulares, que conjuga a visão pastoral de tornar sua igreja um referencial a ser imitado pelas demais, quer pela imponência de suas instalações, quer pela quantidade de pessoas que a freqüentam, quer pela quantidade de ofertas que levanta para seus projetos, contudo, não conseguem preencher o seu vazio existencial de suas ovelhas, que só a mensagem da cruz é capaz de preencher.

Um olhar crítico para a sociedade moderna torna perceptíveis essas características negativas reproduzidas nas igrejas atuais, e reclamam uma reflexão sobre as ações que possam ajudá-las a se voltarem para a mensagem do Evangelho; renunciar às ofertas do mundo e arrepender-se dos pecados, para ser testemunha de Jesus e apresentar as boas-novas, as Escrituras, evidenciando que a segunda vinda de Cristo está cada vez mais próxima.

Daí a necessidade de a igreja olhar para si mesma e avaliar sua condição no mundo:

O vil Murçegão odiava o “cristianismo puro e simples” e queria, a todo custo, adorná-lo com idéias mundanas, modismos, assuntos palpitantes do momento ou qualquer outra coisa que pudesse vender a cristãos simplórios. Por quê? Porque sabia que tais coisas têm o poder de diluir e enfraquecer a pureza da fé. O cristianismo puro não precisa de embelezamento: “Pelo seu [de Cristo] divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade” (2 Pe. 1.3) (MACARTHUR, 2011, p. 11).

Tal perspectiva aponta para a necessidade de estar atento aos sinais que anunciam a segunda vinda de Jesus, e serve de advertência quanto às atitudes a serem adotadas para evitar as influências do mundo na vida da Igreja e manter seu foco de cumprir o ide de Jesus e manter-se fiel aos propósitos para os quais foi instituída e ser obediente na proclamação do Evangelho, promovendo a reaproximação dos discursos e práticas de vida religiosas da mensagem da Cruz.

Considerações finais

Aqui é oportuno retomar a advertência de Apocalipse 1:3 “... o tempo está próximo”, e estarmos atentos aos sinais do tempo, preditos nos textos do Antigo e do Novo Testamento.

Alguns sinais previstos nas Sagradas Escrituras vêm ocorrendo ao longo das últimas décadas, com consequências devastadoras em escala ascendente de intensidade e recorrência.

As guerras continuam existindo apesar da humanidade contemporânea auto intitular-se civilizada. A crueldade humana está presente no cotidiano, intensificada pela tecnologia bélica. Os espaços urbanos se transmudam em campos de batalha, intensificando o alcance da mortandade das vítimas de guerras declaradas, ceifando vidas de crianças, mulheres grávidas, idosos. Desrespeitando as normas de guerra e fazendo vítimas em redutos de refugiados civis, violando e destruindo lares, hospitais, asilos, escolas.

Além disso, percebem-se as guerras veladas contra os próprios concidadãos e mesmo entre os membros da própria família consanguínea, com requintes crueldade. Atos de barbárie cometidos à luz do dia e reproduzidos incessantemente nos meios de comunicação de massa, incutindo na sociedade a sensação de impunidade e confirmando, a cada investida, o cumprimento das profecias e confirmando a proximidade da segunda vinda de Jesus Cristo.

O afastamento de Deus tem produzido esses efeitos desastrosos no âmbito da vida das nações e das pessoas, guerras, violência urbana e rural, filhos matando pais, avareza, depressão.

As mensagens contidas no Apocalipse e a interpretação das imagens e eventos narrados podem ser percebidos em cada estágio da história. Persistem as guerras na Palestina entre judeus e outros povos árabes, crescendo em crueldade e alimentadas por interesses econômicos.

Um olhar sobre o mundo atual, à luz do sermão profético de Jesus (Mateus 24) nos faz perceber a atualidade das Escrituras, sobretudo quando o confrontamos com o esmorecimento da fé e as falsas doutrinas; os conflitos armados no Oriente Médio e Europa; fome na África; catástrofes naturais; multiplicação da iniquidade, que permeiam os noticiários da atualidade.

Mas a igreja não pode fechar seus olhos e virar as costas para o mundo. Ela tem uma missão a cumprir:

Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém (Mt 28:19-20)

Uma missão que tem por propósito resgatar o maior número possível de vidas enquanto há tempo para as pessoas se arreperderem de seus pecados. Levar as boas-novas aos perdidos, para que saibam que existe um Deus que os ama e os quer adotar como filhos. Um Deus que quer libertá-los da opressão do mundo e dar-lhes uma vida nova em Jesus Cristo.

A Igreja tem uma mensagem para propagar, de acordo com os ensinamentos de Jesus e, através da ação do Espírito Santo, com o objetivo de transformar a vida das pessoas.

Referências bibliográficas

ADEYEMO, Tokunboh. Comentário bíblico africano. Vários tradutores. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

ARENS, Eduardo. MATEOS, Manuel Díaz. O Apocalipse: a força da esperança. Estudo, leitura e comentário. Traduzido por Mário Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004.

BERKHOF, Louis. Teologia Sistemática. Traduzido por Odayr Olivetti. 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

BOFF, Leonardo. Civilização planetária: desafios à sociedade e ao cristianismo. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BROWN, Raymond E. Introdução ao Novo Testamento. Traduzido por Paulo F. Valério. São Paulo: Edições Paulinas, 2004.

CHAMPLIN, Russell Norman. O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo: Volume 6: Tiago, 1 Pedro, 2 Pedro, 1 João, 2 João, 3 João, Judas, Apocalipse. São Paulo: Hagnos, 2002.

ERICKSON, Millard. Escatologia: a polêmica em torno do milênio. Traduzido por Gordon Chown e Márcia Pekkala Barrios Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HENDRIKSEN, William. A vida futura segundo a Bíblia. Traduzido por Marcus Ferreira. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

LEAL, Manoel Ferreira. O sentido escatológico da Bíblia. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista. 1975.

MACARTHUR, John F. Nossa suficiência em Cristo. São José dos Campos: Fiel, 2011

Mapas, gráficos, cronologias e ilustrações. Traduzido por Suzete Caselatto. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

PETERSON, Eugene H. O caminho de Jesus e os atalhos da igreja. Traduzido por Fabiani Medeiros. São Paulo: Mundo Cristão. 2009.

RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: A idolatria moderna e a missão cristã*. Traduzido por Milton Azevedo Andrade. São Paulo: A B U. 2000.